**AUTONOMIA NO APRENDER: A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO COMO PRÁTICA DISCURSIVA COM O INTUITO DE CONTRAPOR A IDEIA DO “FRACASSO ESCOLAR”**

*Daniela de Oliveira Vigario*

*Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

*danielaoloveiravigario@gmail.com*

**RESUMO**

Ao longo da história da educação tem-se debatido e estudado as diferentes perspectivas de alfabetização, dentre elas, a da alfabetização como prática discursiva que tem o intuito de tornar significativo o ato de ler e escrever para o educando. Com base nisso, este artigo tem como objetivo trazer conceitos das práticas de alfabetização por uma perspectiva discursiva, a partir de uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de tornar o aluno o centro de seu processo de alfabetização, respeitando sua singularidade, autenticidade e leitura de mundo. Para que assim, tenha-se em mente que o processo de alfabetização não é linear nem homogêneo e que o aluno que foge de tais “padrões” não deve ser rotulado como um “fracasso escolar”. Esta pesquisa tem como base, principalmente, os estudos trazidos por Lopes, Machado e Senna (2020) e Lopes, Machado e Constant (2022).

**Palavras- chave:** Alfabetização; fracasso escolar; prática discursiva; autonomia.

**INTRODUÇÃO**

Na atualidade, observamos que dentro de uma sala de aula, o educando cada vez mais tem sido deixado de lado. Suas individualidades, diversidades, ideias e criações são negadas em busca de um “aluno padrão” que aprenda e se desenvolva da forma já estabelecida pela sociedade. Quando tal padrão não é alcançado o aluno é rotulado como um fracasso, um atraso. Porém, ao observar tal realidade, podemos chegar à conclusão de que isso fala muito mais sobre o preconceito mediante a singularidade e diversidade do sujeito dentro do ambiente escolar do que de algum problema de aprendizado. Como Machado, Lopes e Senna (2020) deixam explícito, muitas das vezes, dentro do espaço escolar, o sujeito e seu processo de aprendizagem são vistos apenas como questões biológicas, o que se mostra algo negativo, pois o processo de ensino e o processo de aprendizagem não são homogêneos ou lineares, um educando que não se apropriou do que foi passado não deve ser tratado como inferior ou “incapaz”. Sendo assim, como educadores, precisamos entender que o aprender a ler e a escrever é um processo muito além de codificar e decodificar um código e, por isso não podemos estabelecer em nossa prática que quando tal aprendizado não é iminente, ou seja, dentro do tempo esperado e de uma forma esperada, automaticamente é um caso clínico, associado a algum transtorno, ou mesmo rotular o educando como um “fracasso escolar”.

Diante dos assuntos tratados no parágrafo anterior, esse artigo tem como objetivo, a partir de uma pesquisa bibliográfica, trazer o conceito de alfabetização como prática discursiva e refletir sobre a importância de respeitar a autonomia e singularidade nos processos de aprendizagem dentro da sala de aula.

**MÉTODO**

A metodologia desenvolvida nesta exploração baseou-se nos princípios da pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002), a partir de materiais já elaborados busca-se aprofundar na temática escolhida. Também, de acordo com Severino (2007), na pesquisa bibliográfica, por utilizarmos dados já devidamente elencados a partir de estudos feitos e reconhecidos por outros pesquisadores teóricos dentro do campo escolhido, “Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122). Com isso, a partir dos estudos trazidos por Lopes, Machado e Senna (2020) e Lopes, Machado e Constant (2022), buscamos elencar e aprofundar as ideias elaboradas por estes pesquisadores.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

 “[...] Os processos de alfabetização são permeados pela diversidade de comportamentos diante da elaboração de conceitos sobre o sistema de escrita alfabética, a produção de textos e a produção de sentidos nas leituras.” (CONSTANT, MACHADO e LOPES, 2022, p.50). Entendemos que para haver um processo de aprendizagem significativo precisamos ter em mente e legitimar os muitos modos de aprender. Sendo assim, é necessário que a escola se aproxime do aluno, o tornando centro de seu processo de alfabetização. Para que isso ocorra é importante compreendermos que: "[...] o mundo da leitura e da produção de texto é o mesmo mundo da vida, ora mais cotidiano e espontâneo, ora mais estruturado e sistematizado." (CONSTANT, MACHADO E LOPES, 2022, p.44). Ou seja, devemos dar importância tanto à diversidade, ao sistema intercultural híbrido e fluído da elaboração de conceitos sobre o sistema de escrita alfabética, como na produção de sentido nas leituras, tendo em mente a singularidade, cultura, história, interesse e visão de mundo dos alunos., precisando haver integração entre esses fatores.

Como Freire (1989) expôs, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ou seja, o aluno não chega como uma folha em branco prestes a aprender como se escreve, ele vem com sua leitura de mundo, com sua bagagem, e a partir da mesma é que ele vai interagir com a escrita e a leitura, para consolidar seu sistema. Por isso é tão importante olhar para o sujeito e sua leitura de mundo, respeitá-las e usá-las durante o processo de alfabetização. Com essa interação e integração o aprendizado fará sentido e incluirá o aluno, o tornando centro, acarretando um processo plural, tanto em respeito a individualidade de cada aluno, quanto em ensinar aos demais a ouvirem, respeitarem e aprenderem com a leitura de mundo uns dos outros, pois: “[...] diferentes sujeitos sociais atribuem conceitos diversos a um mesmo objeto cultural, como no caso da língua escrita.” (CONSTANT, MACHADO E LOPES, 2022 p.49). Isso, junto às práticas pedagógicas permeadas pela diversidade de atribuição de sentidos e aprendizados fará com que:

 Os alunos refletem sobre as suas elaborações a todo instante e como resultado dessas reflexões desenvolvem hipóteses que representam a conclusão de um processo mental, o qual aponta ao sujeito que ele deve escrever algo de determinado modo e não de outro. Assim, escrever pressupõe uma decisão do que e como registrar, revelar seu modo de pensamento, arriscar seu ponto de vista, tornando visível, e até público, o processo individual de elaboração intersubjetiva do conhecimento. (CONSTANT, MACHADO E LOPES, 2022 p.47).

Com isso, percebemos que para um processo de alfabetização permeado por inclusão e diversidade, que também gere uma consciência em relação aos sistemas de escrita alfabética, precisamos primeiramente entender que uma não exclui a outra, ou seja, escrever utilizando as regras gramaticais não exclui uma escrita significativa e intersubjetiva, pelo contrário, em conjunto, através de contextos discursivos, que estejam inseridos na historicidade, temporalidade e subjetividade, o aluno produzirá seus textos e ao longo dessa produção refletirá mentalmente sobre, juntando esses dois pontos, já que as duas desafiam o pensamento, levando o sujeito a refletir se ele deve escrever de um modo ou de outro.

Ao falarmos sobre a alfabetização a partir da perspectiva discursiva, reconhecemos que: “[...] sujeitos escolares plurais significam, formulam conceitos e interagem de modo diverso com o objetivo do conhecimento escolar.” (CONSTANT, MACHADO e LOPES, 2022, p.48). Sendo assim, o planejamento do professor precisa ser autoral, baseando-se na realidade do próprio e de seus alunos; contextual, que considera as culturas de origem, a pluralidade e a interação de cada aluno com o mundo e conhecimento, respondendo também às demandas reais de aprendizado individual (aluno) e coletivo (turma), sempre desenvolvendo uma interação entre os mesmos, e utilizando o processo discursivo, ou seja, a partir de contextos de enunciação, o ensino e a aprendizagem da língua; e diversificados, visando atender à diversidade e a subjetividade inerente ao ser humano. Como exemplo, utilizar diferentes gêneros textuais dentro de temas e práticas pedagógicas para que haja uma maior reflexão e compreensão do uso da leitura e da escrita.

Tais pontos, tornam as estratégias didático pedagógicas diversificadas, pois a partir de uma perspectiva discursiva, elaboramos um planejamento que seja plural nos modos de aprender, nas propostas, nos materiais e nos suportes. Sendo assim, o processo de alfabetização se torna mais inclusivo e não cai no erro de homogeneizar e padronizar os modos de ensinar, jogando para o aluno uma culpa por não aprender, quando o próprio processo não íntegra e nem interage com o educando. “O que muitas vezes tem sido chamado de dificuldade ou de algum tipo de distúrbio, pode simplesmente representar uma incompatibilidade entre a cultura do aluno - e seus modos de representação conceitual- e a cultura escrita” (CONSTANT, MACHADO e LOPES, 2022, p.49).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo assim, precisamos deixar de lado esses impedimentos, que a própria sociedade e a dinâmica escolar, diante dos preconceitos presentes neles criou e começarmos a olhar com uma lente diferente para alunos, para isso, primeiramente, precisamos saber que o sujeito não pode ser separado entre aluno e pessoa, ou seja, sua história, suas vivências, desafios, dificuldades e cultura não podem ser deixados de lado quando ele entra em sala de aula, já que estes fazem parte daquele sujeito. Essas características foram o que os formaram e negá-las ou negligenciá-las é o mesmo que voltar a padronizar o sujeito, não aceitando sua individualidade e os fatores histórico-culturais. Aceitar o sujeito como todo, por mais que na maioria das vezes seja mais difícil, principalmente dentro de uma sala de aula, é perceber que nossa pluralidade, consequência da individualidade de cada educando, gera uma maneira de aprendizagem (escrita e leitura) também plural. A escola tem o desafio de promover, mediar, a interação entre as individualidades dos alunos. Essa interação produz conhecimento, respeito e até mesmo o autoconhecimento do sujeito, isso transforma o processo de formação, o tirando de uma norma ou padrão e focando no aluno e seu aprendizado.

**REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016**.**

CONSTANT, Elaine; MACHADO, Maria Letícia Cautela de Almeida; LOPES, Paula da Silva Vidal Cid. Processos de alfabetização: princípios, políticas e estratégias para a diversidade dos modos de aprender e de ensinar. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 36–63, 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: **Atlas**, 2002.

MACHADO,Maria Letícia Cautela de Almeida; LOPES, Paula da Silva Vidal Cid.; SENNA, Antonio Gomes Senna. Notas sobre fracasso e diversidade: os sentidos do aprender e do não aprender na escola. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp5, p. 2837–3854, 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SOUZA, Janaína, & GONÇALVES, Janaína. O empoderamento da escrita na escola: cenas de uma aula de produção textual. **Revista Teias**, v. 18, n. 49, p. 90-100, 2017. DOI: 10.12957/teias.2017.26210